

## Narradores em Unísono: um aspecto de Nas Profundas do Inferno

O objetivo deste artigo é mostrar a articulação existente entre as duas partes do romance *Nas profundas do Inferno* de Arthur J. Poerner e demonstrar que a presença de dois narradores não imprime à obra um caráter dialógico, uma vez que eles falam em unísono.

O romance de A. Poerner *Nas profundas do inferno*<sup>1</sup> pode aparentar certa desarticulação entre as duas partes que o compõem: embora correspondam a dois momentos da narrativa e se refiram aos mesmos espaços — tendo a prisão como ponto referencial — elas apresentam uma inesperada duplicidade de narradores com conseqüente alteração do discurso narrativo. Este artigo pretende demonstrar a articulação entre as duas partes e analisar a função da dualidade de narradores.

A seqüência temporal, a permanência de dois espaços físicos (um predominante, em que se situam os fatos presentes e outro evocado), além da influência benéfica da quimbada sobre o protagonista são elementos que, de forma bem visível, já articulam as duas partes. Na primeira, que focaliza acontecimentos anteriores ao desaparecimento de José da Mangueira, predomina o espaço fechado da prisão, opondo-se-lhe a segunda em que predomina o espaço exterior à prisão. Se na primeira é atribuída à quimbada a cura do personagem-narrador na infância, na segunda, seu aparecimento e soltura se dão, de forma inequívoca, graças a ela. Há portanto, entre as duas partes,

---

1. POERNER, Artur J. *Nas Profundas do Inferno*. Rio, Codecri, 1979.

uma relação de continuidade temporal, uma espécie de paralelismo, inverso no que diz respeito ao espaço e direto relativamente a um elemento do enredo: o efeito da quimbanda.

O relato do preso político José da Mangueira, que constitui a primeira parte do romance, substitui-se na segunda pelo de seu ex-companheiro de cela, «o estudante de lingüística». A forma pela qual se anuncia a substituição estabelece uma quebra na expectativa do leitor, pois «À guisa de explicação», com que se inicia a segunda parte, pode ser vista como um prefácio deslocado.

Na primeira parte, pode-se registrar ao mesmo tempo uma aproximação e um distanciamento do romance-diário, tal como é caracterizado por Kate Hamburger.<sup>2</sup> Os verbos são usados no presente, os fatos passados que se evocam são predominantemente próximos, mas registra-se também a longa recapitulação de fatos remotos e a ausência de datas (isso não ocorreria em um romance-diário). Ao mudar-se o narrador, a narrativa continua a ser de primeira pessoa, mas observa-se nítida mudança no caráter do discurso pela freqüência de divagações e a presença de trechos dissertativos. Além disso, o narrador revela-se preocupado com sua própria imagem e introduz a figura do narratário, diante de quem procura valorizar-se. A explicitação do narratário marca a intenção de publicar o relato, agora definido como «romance inacabado». Antes eram apenas notas de um presidiário que tanto poderiam vir a ser lidas dentro ou fora da prisão, como poderiam ser destruídas às pressas.

Entre os efeitos da mudança de narrador, pode-se registrar, no plano sintagmático a quebra do tom de depoimento pessoal e a ratificação do relato por uma testemunha ocular de grande parte dos fatos. Observa-se que o Autor cria, com esse recurso, a impressão de estar o protagonista sendo retratado de outro, ângulo, pois quem assume a palavra confessa nutrir por ele certo despeito e está cõnscio do poder do narrador sobre a personagem: «Eu poderia não só tomar-lhe o lugar, como ainda submetê-lo às situações mais ridículas ou degradantes e até matá-lo se quisesse, mediante uma simples frase ou alusão». (p. 121).

Essa situação sugere o aparecimento de uma nova voz que não fale em consonância com a do primeiro narrador.

---

2. HAMBURGER, Kate. *A Lógica da Criação Literária*. São Paulo, Perspectiva, 1975, p. 232.

Maria das Graças Paulino<sup>3</sup> propõe que, ao distinguir-se a categoria de autor implícito da de narrador, considerem-se não só a distância zero e a distância infinito entre eles, mas também uma terceira possibilidade de distanciamento diferente de zero e diferente do infinito. Se nos dois primeiros casos, a narrativa será monológica, no último, será dialógica, pois, quando o narrador se situa num ponto intermediário entre a identificação com os valores do autor implícito e sua radical oposição a eles, pode-se estabelecer uma espécie de polêmica entre os dois.

No caso do romance de Poerner, sabidamente de caráter auto-biográfico, não resta dúvida ser zero o distanciamento entre o autor implícito e o narrador da primeira parte, José da Mangueira. Resta verificar a que distância do autor implícito está o segundo narrador. Em «À guisa de explicação», este confessa:

«eu me via obrigado a lutar conscientemente, contra o incômodo sentimento de haver sido menosprezado por uma pessoa, que, sob certos aspectos, admirava, e da qual esperava maior atenção. Vaidade ferida — talvez seja a definição exata — mas, a conceituação ou identificação do mal em nada contribuíam para minorar os seus efeitos». (p. 119).

Ora, pode-se observar que a admiração que nutre o «estudante de lingüística» pelo companheiro de prisão é superior ao despeito e é responsável por uma espécie de processo de identificação com ele. É ainda em «À guisa de explicação» que se é informado de três capítulos terem sido inseridos na primeira parte pelo novo narrador. Um deles consiste nos «PRIMEIROS COMENTÁRIOS SOBRE A PRISÃO DE JOSÉ DA MANGUEIRA, COLIGIDOS EM DIVERSAS FONTES», o outro em «DOIS RECORTES DE JORNAL»; ambos surgem como colagens e, interrompem o relato do jornalista de forma absolutamente adequada, pois constituem fragmentos de discurso jornalístico. Se nisso já se pode perceber a intenção do segundo narrador de aproximar-se do primeiro, mais acentuada é ela no outro capítulo, em relação ao qual afirma:

---

3. PAULINO, Maria das Graças Rodrigues. Reflexões sobre os Limites do Poder do Narrador em São Bernardo. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte, 1979, p. 21. Para a Autora, essa distância, a que chama «polemizante» corresponde ao dialogismo conforme o caracteriza Mikhail Bakhtine.

«Como prevalecesse, apesar de tudo, a idéia de encarar o texto como romance incompleto, tomei de início — depois de relê-lo um sem-número de vezes e já impregnado do estilo de Manguieira —, a resolução de elaborar o capítulo sobre o Lobo, baseado em episódios verídicos, que...». (p. 120, com grifo adicionado).

Essa identificação se faz sentir, ainda mais intensa no último capítulo do romance, quando o narrador assume a onisciência no relato da saída de Manguieira da prisão. Tal procedimento, embora pouco comum, já foi registrado por Todorov<sup>4</sup> em relação ao romance *As ligações perigosas*. Em *A Procura do tempo perdido*, Proust também o adota: o narrador torna-se onisciente em relação a Swann («Um amor de Swann»); também nesse caso, pode-se notar um processo de identificação entre narrador e personagem.<sup>5</sup>

Do que se observou, conclui-se que o segundo narrador ao identificar-se com o primeiro, guarda uma distância zero em relação ao autor implícito. Aliás, a identificação ideológica entre José da Manguieira e o «estudante de lingüística» patenteia-se pelas circunstâncias que os levam à prisão. Diferem pela maneira de ser: este é dono de estilo mais formal e pomposo, elitista, não consegue confraternizar-se com o «populacho», como Manguieira. O romance, mesmo a despeito da presença de dois narradores, apresenta uma única voz — a do autor implícito. Caracteriza-se como monológico.

A adoção de dois narradores no romance em pauta constitui um recurso literário através do qual a fala de um narrador silenciado continua a se fazer ouvir. O caráter contrastante dos discursos narrativos privilegia o de José da Manguieira, mais agradável em sua simplicidade, mais atraente por seu tom irônico. O «estudante de

---

4. TODOROV, Tzvetan. *Estruturalismo e Poética*. São Paulo, Cultrix, 1970, p. 48.

5. A identificação do personagem-narrador, Marcel, com Swann registra-se claramente na última parte de *No Caminho de Swann* «Nomes de terra: o nome»: «Quanto a Swann, procurando parecer-me com ele, passava eu o tempo todo em que estava à mesa, a puxar o nariz e a esfregar os olhos. (...) Desejaria principalmente ser tão calvo quanto Swann. Parecia-me um ser tão extraordinário que achava maravilhoso que as pessoas que eu freqüentava também o conhecessem e que nos acasos de um dia qualquer pudéssemos ser levados a encontrá-lo». (p. 240). PROUST, Marcel. *No Caminho de Swann*. São Paulo, abril. 1979.

lingüística», em sua condição de narrador da ficção, iludiu-se supondo ser dele o poder sobre o personagem; realmente foi utilizado pelo autor implícito e sua fala, se de um lado enaltece o Mangueira, de outro depõe contra si próprio.

Cet article vise à mettre en lumière l'articulation entre les deux parties du roman *Nas profundas do Inferno* de Arthur Poerner et à montrer que la présence de deux narrateurs ne confère pas à l'oeuvre un caractère dialogique, puisqu'ils parlent à l'unisson.